

Revalorizando a agrobiodiversidade

Agriculturas, esse é o nome da revista. A palavra vem do latim: “agri”, de terra, e “cultura”, termo que, em seu significado mais abrangente, expressa os padrões de comportamento e valores produzidos e reproduzidos em uma sociedade. Assim, muito além do acervo tecnológico desenvolvido para a arte de cultivar a terra, agri-cultura, em sua acepção mais plena, envolve também os padrões de convivência humana e os modelos de produção e consumo adotados. O termo aparece aqui no plural justamente para enfatizar o caráter local e plural da agricultura. São culturas em permanente evolução e em busca de respostas às necessidades de produção de alimentos, remédios, energia, moradia, renda etc.

A multimilenar história das agriculturas pode ser interpretada à luz da domesticação e do manejo da agrobiodiversidade. Diferentes culturas desenvolveram distintas estratégias técnicas para o uso, o manejo e a conservação da agrobiodiversidade localmente disponível, que, nesse sentido, mantém uma relação de geração mútua com a agricultura própria do lugar.

O contínuo e acelerado processo de erosão genética verificado nos dias atuais coloca em risco a permanência desse curso histórico co-evolutivo. Em decorrência dos efeitos da rápida e ampla disseminação do modelo técnico-científico da Revolução Verde, as agriculturas, e com elas as agrobiodiversidades (também no plural), vêm sendo padronizadas. Esse modelo opera em escala global sob a hegemonia das nações ricas e suas companhias transnacionais que, de forma voraz, buscam o controle tecnológico e dos mercados. Por outro lado, se eximem da responsabilidade social e ambiental pela perda do patrimônio genético desenvolvido pela humanidade no decorrer de milênios.

Segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), em seu informe para o Dia Mundial da Alimentação de 2004, apenas uma dúzia de espécies animais fornecem 90% das proteínas de origem animal consumidas mundialmente, e somente quatro espécies cultivadas são responsáveis pela metade das calorias de origem vegetal presentes na alimentação humana. Estima-se que ao longo do século XX cerca de três quartos da diversidade genética dos cultivos agrícolas foram extintos. De 6.300 raças animais, 1.350 estão sob risco de extinção ou quase extintas. A modernização da agricultura, as mudanças nos padrões de alimentação e o crescimento da população são apontados no documento como as causas da atual conjuntura (FAO, 2004).

Além da perda da agrobiodiversidade, as florestas tropicais estão desaparecendo a um ritmo de 0,9% ao ano, ou 29 hectares por minuto, ameaçando 12,5% de toda a flora mundial.

Evoluída em estreita sintonia com os conhecimentos sobre seus usos e manejos, a agrobiodiversidade, ao ser extinta, leva com ela as culturas das populações rurais. Ou seja: há também um processo de erosão cultural em curso. As degradações genética e cultural atingem nos dias de hoje ritmos sem precedentes, que provocam mudanças bruscas nos padrões alimentares e nas línguas faladas, duas formas de expressão marcantes da cultura de um povo. A agrobiodiversidade, como já vimos, vem sofrendo efeitos radicais de

homogeneização em virtude do estreitamento da base genética de cultivos e criações adotadas ao redor do mundo. As línguas, de forma equivalente, estão em franco processo de extinção. Em 1900, havia 10 mil línguas e atualmente subsistem apenas 6.700, sendo que a maioria delas não é mais ensinada às crianças desta geração (Mooney, 2002).

Apesar desse quadro dramático, muitos movimentos, de forma silenciosa e pouco visível para o conjunto das sociedades, constroem estratégias de resistência. São comunidades, aldeias e grupos, ou mesmo programas de desenvolvimento agrícola orientados pelo enfoque agroecológico, que se fundamentam na revalorização das espécies e variedades locais para que sejam estruturados agroecossistemas altamente diversificados e pouco dependentes de insumos externos. São experiências que procuram resgatar e multiplicar sementes e raças animais ainda presentes nas áreas rurais. Revalorizam também as espécies silvestres que cumprem múltiplas funções para as famílias e comunidades rurais e que vêm sendo paulatinamente eliminadas pela tendência à especialização dos sistemas de produção e pela destruição dos remanescentes de vegetação natural.

O objetivo deste número da revista é tornar públicas essas histórias de povos extrativistas, indígenas, agricultores e agricultoras, suas organizações, que com ou sem o apoio de assessorias vêm, pelo Brasil a fora e em outros países, cultivando e recriando a agrobiodiversidade, preservando e aumentando o patrimônio da humanidade. São apresentados 12 artigos e uma entrevista que abordam experiências brasileiras e internacionais cujos ensinamentos e inspirações, esperamos, possam favorecer a brotação e floração de iniciativas similares.

Da Amazônia, trazemos dois relatos sobre mulheres, homens e suas associações que beneficiam e comercializam produtos da floresta, valorizando plantas nativas; do Xingu, uma bela história de povos indígenas que caminharam para resgatar seus tesouros: as sementes de seus ancestrais. Do Nordeste, muita resistência e fé para cultivar roçados multidiversificados e valorizar estratégias de organização dos agricultores e agricultoras através dos bancos ou das casas de sementes; ainda no semi-árido, ressaltamos a importância das frutas nativas para a alimentação do sertanejo e do resgate das raças animais adaptadas. O MST mostra como em todo o Brasil mergulha em uma empreitada para recuperar e/ou reintroduzir nos assentamentos de reforma agrária as sementes crioulas. No sul do Brasil, um programa orientado para o resgate, a multiplicação, o melhoramento e o intercâmbio de sementes crioulas mobiliza milhares de agricultores e agricultoras organizados.

Quatro experiências internacionais também são apresentadas. No Peru, grãos cultivados em grandes altitudes pelos aimaras e quéchuas, outrora em abundância, passaram por franco processo de desaparecimento e agora estão sendo recuperados e revalorizados nos mercados; na Nicarágua, receitas saborosas e ricas em vitaminas estão ajudando na recuperação de alimentos tradicionais que caíram em desuso. Em Bangladesh, mulheres preservam a diversidade dos quintais em sistemas agroecológicos, e na Índia, agricultoras desenvolvem várias estratégias para colher e usar na alimentação vegetais que promovem a saúde.

*Paula Almeida: *agrônoma, assessora técnica da AS-PTA*
paula@aspta.org.br

Referências:

MOONEY, Pat Roy. *O século 21: erosão, transformação tecnológica e concentração do poder empresarial*. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

FAO. *A Biodiversidade a Serviço da Segurança Alimentar: informe da FAO para América Latina e Caribe sobre o Dia Mundial da Alimentação de 2004*.